

## A televisão

*Texto da escritora e realizadora francesa Marguerite Duras publicado na revista Cahiers du cinema 312/313 de 1980. Grande criadora de palavras e de imagens, nesse texto Marguerite Duras mostra como vê os jornalistas da televisão francesa.*

*Tradução de Stella Senra*

Então, ainda. Isso aumenta a cada dia, por todo lado. A doença da televisão. O aparelho está sujo. Ele vira um apetrecho doméstico, uma panela velha, uma pia, mas velhos e sujos. Faz muito tempo que os ouvimos, que os vemos. Eles entram na nossa casa, eles se mostram a nós. Ligamos a televisão e lá estão eles, eles estão lá, desligamos. Ligamos de novo esse pobre aparelho, eis um outro deles. Vemos a cara deles em tamanho natural, eles espicham o pescoço, eles olham para nós, e então nos pomos na frente deles para não deixar, desligamos. Eles nos dão o mesmo sorriso que se pretende de convivência profunda. Eles nos falam o discurso único que se pretende também evidente com a mesma força de convicção avassaladora, as mesmas poses, o mesmo zoom, depois eles se vão, é a vez de um outro nos falar da França, da qualidade e vida, dos jogos olímpicos, e nós, nós vemos que lhes falta um dente, que eles têm laringite ou resfriado, o terno Cardin, as unhas limpas, o castelo no Périgord. A mentira, todos, vemos, que eles mentem como respiram, todos, vemos, nem vemos mais de tanto que vemos. Eles vão lá para mentir. É quando eles têm que mentir mais do que o habitual que mandam a televisão buscá-los para que eles apareçam. Nós, nós sabemos, vemos a mentira na televisão como os vemos, também, a todos. Há os que estão lá, e há os seus comentadores, seus lixeiros. O fraseado do francês deles é o mesmo, nós os confundimos às vezes. Que tropa. Temos preferências, em geral, por aqueles da noite, os das

quatro horas da manhã porque estão tão cansados. Mas que efeito estranho eles têm sobre o que falam. Lá onde falam não há mais livros, não há mais filmes, não há ninguém, nem atualidades. Não há mais que representação. É misterioso. Não se trata apenas deles, mas da televisão, talvez, difícil acreditar que eles consigam fulminar de nulidade tudo o que abordam. E no entanto a partir do momento em que aparecem uma tela se eleva entre a imagem deles e nós que olhamos. Como se se produzisse uma mudança de cor, a televisão ficasse cinzenta, ficasse cinza de doente.

Às vezes, é preciso dizer, que alegria, as grandes baleias do Havaí passam por ali e os expulsam. Às vezes são os bebês foca, eles são estranhos, são pintados com cores, é a juventude genial do Canadá que descobriu isso, pintá-los com cores indelévels para tornar suas peles inutilizáveis e salvá-los assim do horrível massacre.